

WILLIAM SHAKESPEARE POR MARIA HELENA SERÔDIO

ENFRENTAR O DESAFIO

MARIA JOÃO BRILHANTE

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

Medir-se com os grandes autores clássicos da literatura universal era o destino de qualquer jovem professor e investigador de uma universidade europeia até há pouco tempo. O sistema orientava para a escolha de um autor em torno do qual se iria desenvolver um trabalho de análise e interpretação às vezes por longas décadas, tendo por base os saberes fixados em bibliografias mais ou menos extensas que importava conhecer e emular, num movimento de respeito e de algum desafio. Assim se faziam as coisas.

Maria Helena Serôdio começou em 1970, ano em que se licenciou em Filologia Germânica com uma tese sobre Samuel Beckett, um trajeto muito semelhante ao que descrevi, embora ele incluía uma particularidade que pretendo destacar. Por um lado, tratava-se de continuar a percorrer o caminho já aberto pelos mestres, quer na docência da literatura inglesa, inscrevendo Shakespeare como um dos reconhecidos marcos da língua e cultura inglesas – veja-se o programa de Estudos Shakespearianos apresentado a provas de agregação em 1994, coroando duas décadas de ensino –, quer na pesquisa por entre os temas e textos que a académica revisitava para acrescentar mais um contributo à tradição crítica da obra.

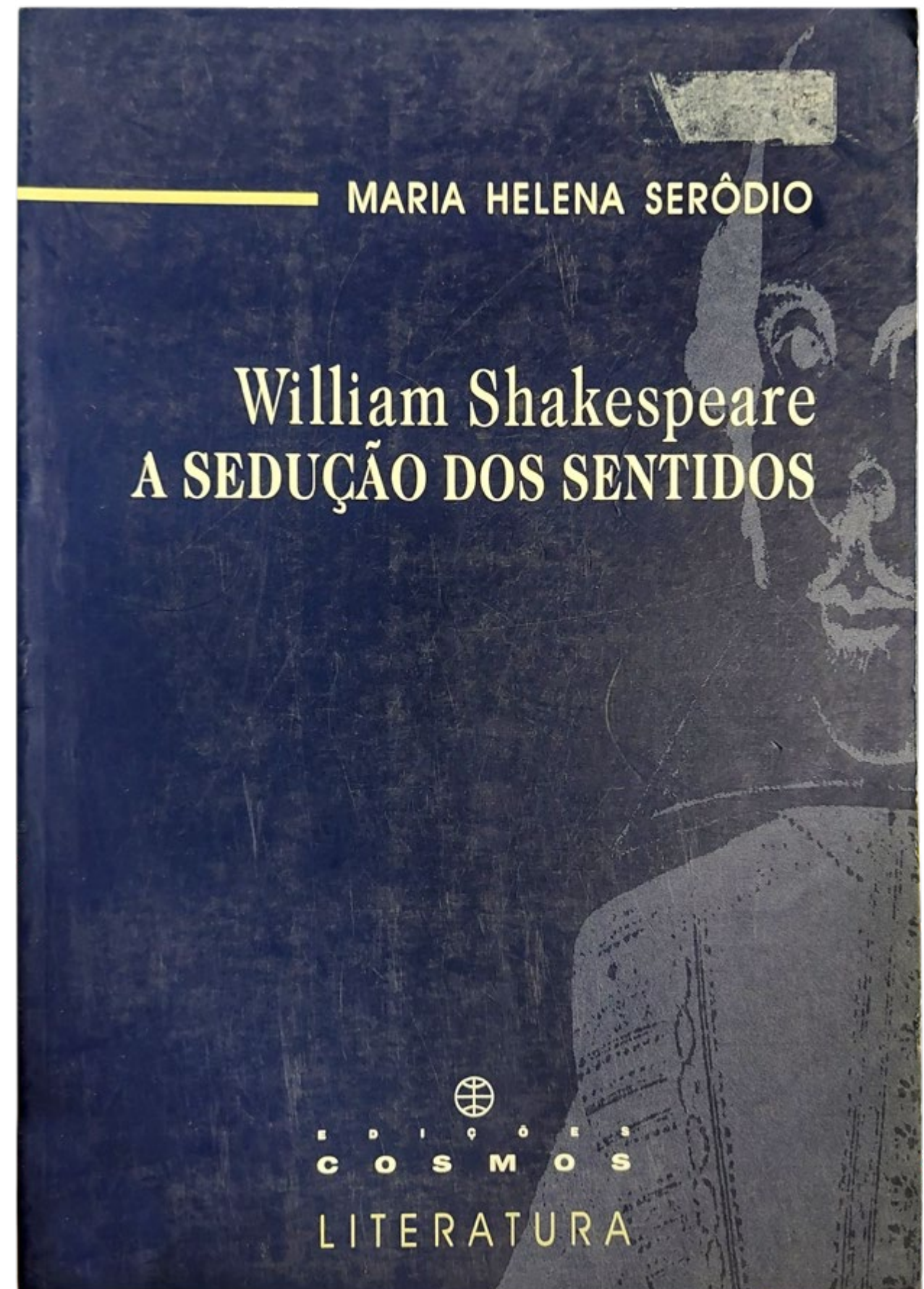
Mas com Maria Helena Serôdio algo muda, pois, bem cedo, a sua análise do texto dramático conduzida pela teoria literária de matriz anglo-saxónica começa a ser atravessada pela análise do espectáculo sob influência da semiologia (com Patrice Pavis, Georges Banu) e dos estudos culturais na esteira de Raymond Williams. Para mais, com a Revolução de Abril acontece o aumento da presença da crítica aos espectáculos que proliferam pelo país e Maria Helena Serôdio passa a ocupar regular e intensamente as páginas de *O Diário* (1977), muito antes de vir a leccionar o seminário de Análise do Espectáculo no curso de especialização em Estudos de Teatro da FLUL (1992), na nova licenciatura em Artes do Espectáculo (2002-2003) e de promover os

seminários internacionais para jovens críticos no âmbito da AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), de que foi secretária-geral. Com isto quero dizer que também o olhar que lançava para a obra de Shakespeare se modificou, passando a incluir a dimensão do espectáculo e dos sentidos que a cena lhe acrescentava. Esta transformação foi-se sedimentando e, sem abandonar a hermenêutica do texto dramático como género literário, o desafio consistia em aproximar-se da compreensão da sua complexa teatralidade.

O que gostaria de mostrar neste recorte muito específico traçado na vasta actividade que desenvolveu como docente, investigadora e crítica de teatro é o lugar querido que Shakespeare ocupou na sua vida – só comparável ao permanente retrato que foi fazendo da dramaturgia e do teatro em Portugal – por lhe propiciar o exercício de análise pendular entre literatura e teatro, texto e cena como produtor de sentido. Parece ter encontrado neste autor uma janela para o entendimento do lugar da literatura no mundo, como muitos dos que estuda(va)m a sua obra, mas também uma via para aceder ao prazer que a obra provoca graças ao contributo dos artistas que o levam a cena e lhe dão corpo, motivando um estímulo e uma vibração emocional projectados a partir dos versos e das imagens que a compõem.

É isso que lemos quando fala das dificuldades práticas do empreendimento e das exigências próprias colocadas pelo estudo de textos escritos para serem representados, na Introdução à sua monografia *William Shakespeare. A sedução dos sentidos* (Serôdio, 1996), que constitui um marco nos estudos sobre a obra deste autor entre nós.

Algumas das razões prendem-se à necessidade de perspectivar o estudo em função de questões mais vastas que se colocam quer no cenário da teoria da literatura, quer no da reflexão sobre o vínculo entre o literário e o teatral. (Serôdio, 1996: 11)



RECONHECER UMA LINHAGEM

Pelo que ficou escrito antes, o estudo de Shakespeare na Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa tem uma tradição que se iniciara, segundo João de Almeida Flor (2018: 125), na Faculdade Letras do Porto em 1925 e que, a partir de 1933, graças à política censória do Estado Novo, irá esmorecer. Nenhum estudante de literatura inglesa escaparia ao estudo do autor que parecia resumir na sua obra o alfa e o ómega da literatura e do teatro de língua inglesa. A universidade foi durante muito tempo o lugar de revelação das figuras do cânone da literatura ocidental, nas suas línguas e culturas nacionais. Nomes de professores com anos de estudo da obra de Shakespeare, estudos publicados e cursos leccionados ficaram associados ao reforço da escrita dramática canónica, onde todos os géneros, temas e recursos poéticos se podiam encontrar.

Salientamos aqui apenas dois deles, na Faculdade de Letras de Lisboa: Fernando Mello Moser (1927-1984) e João de Almeida Flor (1943-2024) como principais iniciadores ao estudo de Shakespeare. Maria Helena Serôdio faz parte do escol de académicos que prosseguiram o culto do Bardo, mas que naturalmente, pelo tempo em que viveram – os anos 70 e 80 do século passado atravessados, já se disse, por uma revolução e uma viragem teórica nos estudos literários e culturais por via do estruturalismo, do desconstrucionismo e mais tarde do pós-modernismo –, puseram em causa os modelos historicistas e positivistas desse estudo.

Importa lembrar o que fizeram por Shakespeare em Portugal os dois nomes antes referidos, mestres da geração à qual Maria Helena Serôdio pertenceu. De Fernando Moser encontramos, em 1965, um ensaio sobre “Shakespeare, o poeta”, que Maria Helena Serôdio, então

a iniciar os seus estudos universitários, terá talvez lido. No final dos anos 70, escreve para uma publicação japonesa “Shakespeare in Portugal: selected facts and problems” (Moser, 1977: 25-31), um balanço que pode ter inspirado dois eventos académicos posteriores, os que João de Almeida Flor organizou em 1987 (Colóquio sobre Shakespeare) e com Maria Helena Serôdio em 2005 (Shakespeare entre nós), através dos quais se pretendia fazer o ponto da situação acerca do estudo de um autor e da sua obra. Fernando Moser será ainda autor de um estudo comparativo entre Gil Vicente e Shakespeare, publicado em 1981, na revista *Quaderni Portoghesi*, tal como Almeida Flor escreverá sobre “Shakespeare em Pessoa” (1990: 51-63) e “Camilo e a tradução de Shakespeare” (1992), respectivamente. Ambos, em momentos diferentes (1982 e 2009), se interessaram por José António de Freitas, crítico e tradutor de *Hamlet* em 1887. É, aliás, Almeida Flor que prossegue a conversa quando em 1985, homenageando Fernando Mello Moser (1985: 233-246) numa *Miscelânea* reunida um ano após a sua morte, aborda a relação entre Shakespeare e a companhia de teatro Rosas & Brazão. É também este respeitado académico que, no já referido texto “Shakespeare riscado em azul”, homenageia a sua colega Maria Helena Serôdio na obra a esta dedicada em 2018, *Rastos luminosos em palcos do tempo*.

Outros fios poderíamos continuar a tecer entre estas figuras que, a par de outros interesses, mantiveram uma ligação permanente e profunda com a obra de William Shakespeare e que, inevitavelmente, alimentaram os estudos shakespearianos na Faculdade de Letras de Lisboa e os estudos anglísticos em Portugal e no estrangeiro.

DUAS OBRAS EM DESTAQUE

Em pelo menos cerca de trinta textos, palestras e comunicações, Maria Helena Serôdio dará continuidade ao estudo da obra de Shakespeare enquanto investigadora da Faculdade de Letras de Lisboa. Várias peças são analisadas, contextualizadas na cultura inglesa ou na abrangência temática dos estudos humanísticos. O universo shakespeariano parece conter todas as vertentes do humano: do poder e da justiça passando pela paixão no teatro. Para referir casos recentes numa abundante e longa produção ensaística e crítica, em 2015 escreve um texto para o livro de homenagem a Fernando Mello Moser, recuperando a perspectiva literária a propósito de “King Lear: entre a mundividência maneirista e o sentido da utopia”. Mas a esta celebração do legado de Moser nos temas que interessaram esse professor é impossível não acrescentar o lastro que a análise da realização cénica trouxe à sua percepção dos textos de Shakespeare que tão bem conhecia, encenados em Portugal e no estrangeiro. Caso da crítica no *Jornal Ilustrado* (3/08/1990) ao espectáculo *Rei Lear*, representado em 1990, pelo Teatro Experimental de Cascais, com encenação de Carlos Avillez.

Um ano depois, em 2016, para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (3 de Agosto, pp. 6-8) sintetiza “interpelações criativas” colocadas pela presença de Shakespeare na cena portuguesa, o que revela bem esta dupla perspectiva que nunca deixará de ser a sua ao abordar Shakespeare, mas também outros autores de afeição com os quais se vai cruzar regularmente nas salas de aula, em conferências ou na crítica a espectáculos (casos de Beckett, O’Casey, Osborne).

Não é este o lugar para resgatar em cada um dos seus ensaios e textos críticos sinais dessa dupla atenção, mas com as datas na mão

e cruzando ensaios e críticas a espectáculos é possível entender que o Shakespeare que Maria Helena Serôdio coloca no espaço mais restrito da academia e na esfera mais geral dos jornais e revistas para os quais escreveu reflecte uma mudança radical no modo como ele se expande para lá do plano literário dominante, acompanhando e contribuindo para a entrada do estudo do teatro e das artes performativas na academia e, vice versa, do conhecimento da literatura e da cultura inglesas na criação cénica. Note-se que em 2001 já interpelara (palavra da sua eleição) a relação entre estudos de teatro, literatura e cultura numa comunicação apresentada ao XXIII Encontro da APEAA (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos): “Across the stages: when theatre studies confronts literary and cultural matters”.

Mas traçada a linhagem e os desvios nela introduzidos, vejamos muito brevemente duas obras que Maria Helena Serôdio produziu e organizou com a finalidade de criar um espaço vivo de discussão e abertura de caminhos para o estudo de Shakespeare. *William Shakespeare. A sedução dos sentidos* é a já referida monografia publicada em 1996 que organiza a matéria, preparada para uma bem-sucedida prova académica – a sua Agregação. Maria Helena Serôdio apresenta esta sua incursão no universo shakespeariano através de perspectivas hermenêuticas que partem dum quadro conceptual estruturante (abordando os conceitos de autor, de apreciação crítica, de cânone e de género literário), visando ao mesmo tempo o exercício analítico e crítico que fomenta a abertura de sentidos, desígnio maior deste estudo, e o estabelecimento de um *corpus* teórico actualizado para o conhecimento de Shakespeare. Importante é também a vontade de transmitir uma metodologia de análise do texto dramático, amplamente exercitada como docente, e que aqui se manifesta em leituras críticas de algumas das peças, dentro dos três géneros

maiores da obra, destacando tópicos como “o corpo da/na história”; desejo e artifício; subjectividade e alteridade. E é na terceira parte da monografia que surge a questão da articulação entre teatro e texto. Ela passa por uma “leitura do espectáculo”, como a semiologia a teorizou e praticou. Mas culmina num capítulo dedicado à recepção do espectáculo pelo espectador, na concepção dominante de um teatro que só existe na presença activa e participada de público, e à produção de discurso crítico como abertura de sentidos e transformação.

O espectáculo, pelo seu carácter relacional, integra os olhares e dizeres que convoca; e o crítico, ao ler um espectáculo, fala também de si próprio, num diálogo que o faz já diferente, porque o muda. (Serôdio, 1996: 277)

Quanto a *Shakespeare entre nós*, obra publicada em 2009, regista as comunicações apresentadas ao colóquio com o mesmo título (2005) que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Visava-se, no dizer dos seus principais organizadores, “propor não só que se recenseassem e avaliassem criticamente aspectos da recepção, reescrita ou reformulação cénica da obra do dramaturgo isabelino, mas também que se investigassem as modalidades diversas da sua presença no mundo nosso contemporâneo aquém e além-fronteiras” (Flor/Serôdio, 2009: 8).

Este balanço ou retrato do estado da arte no que à investigação sobre Shakespeare diz respeito convocava os estudos comparatistas e de tradução, a teoria da literatura, os estudos culturais, a história do teatro, a teoria do teatro, mas também a apropriação de Shakespeare pelas tecnologias da informação em plataformas digitais que reforçaram a sua globalização cultural.



MARIA HELENA SERÔDIO COM JOSÉ DE MONTERROSO TEIXEIRA, PRESIDENTE DA ADMINISTRAÇÃO DA OPART (À ESQUERDA) E ARNALDO PEREIRA (À DIREITA), NA CONFERÊNCIA "CRIME E CASTIGO NO REINO DA ESCÓCIA", AQUANDO DA APRESENTAÇÃO DA ÓPERA *MACBETH*, DE GIUSEPPE VERDI, NO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS, A 18 DE FEVEREIRO DE 2015.

A voz de artistas de quem Maria Helena Serôdio era próxima e sobre os quais escrevera ou escreveria (entre os quais Luís Miguel Cintra, Joaquim Benite, Luís Castro), que se haviam confrontado com o dramaturgo isabelino, permitiu expandir a discussão acerca do lugar do texto clássico na cena contemporânea e da historicidade da sua apropriação.

A publicação reflecte, sem dúvida, a perspectiva dos organizadores, mas reconhecemos nela a visão multifacetada que Maria Helena Serôdio desenvolvera nas suas práticas de ensino, investigação e crítica e que aqui colocava ao serviço de uma paixão perene.

SHAKESPEARE HABITA NUM LUGAR RECÔNITO DA MEMÓRIA

Quando a memória vai desaparecendo, há sempre alguma coisa que resiste: aquilo que nela ficou inscrito com um estilete de afectos. Shakespeare pode manter-se vivo e manter viva a memória de quem com ele (con)viveu muito tempo. As suas palavras deixam de lhe pertencer e passam a ser minhas, neste caso, dela, pois dela falo.

Ver regressar por momentos a memória perdida e com ela versos do Bardo, ditos como se fizessem parte de uma parte inapagável da vida de quem os diz, transportando a emoção sentida aquando da sua descoberta há muito, muito tempo atrás, é uma vivência que ficará por seu turno gravada na memória de quem escuta essa irrupção espantosa de uma vida.

E desse modo se transmite de quem vai esquecendo para quem ainda memoriza. E voltamos ao início deste breve texto. Um fluxo contínuo de vozes que deram vida a Shakespeare. As palavras podem estar nas plataformas digitais, impressas em livros, nos filmes e nos palcos, mas estão também na vida de alguns até que a morte as apague.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FLOR, João de Almeida (1985), "Shakespeare, Rosas & Brazão", in *Miscelânea de estudos dedicados a Fernando de Mello Moser*, Lisboa, Departamento de Estudos Anglo-Americanos da FLUL, pp. 233–246.
- FLOR, João de Almeida (1990), "Shakespeare em Pessoa", in João de Almeida Flor (org.), *Colóquio sobre Shakespeare*, Lisboa, FCG-ACARTE, pp. 51–63.
- FLOR, João de Almeida (1992), "Camilo e a tradução de Shakespeare", in *Actas do XIII Encontro da APEAA*, Porto, Faculdade de Letras do Porto.
- FLOR, João de Almeida (2018), "Shakespeare riscado em azul", in Sebastiana Fadda e Maria João Almeida, *Rastos luminosos em palcos do tempo*, Lisboa, Centro de Estudo de Teatro, p. 125.
- FLOR, João de Almeida / Maria Helena Serôdio (2009), "Introdução", in Maria Helena Serôdio, João de Almeida Flor, Alexandra Assis Rosa, Rita Queiroz de Barros e Paulo Eduardo Carvalho (org.), *Shakespeare entre nós*, Ribeirão, Húmus, pp. 7–12.
- MOSER, Fernando Mello (1965), "Shakespeare, o poeta", Sep. *Revista de Guimarães*, n.º 75.
- MOSER, Fernando Mello (1977), "Shakespeare in Portugal: selected facts and problems", *Shakespeare Translation*, vol. 4, pp. 25–31.
- MOSER, Fernando Mello (1981), "Gil Vicente e Shakespeare: funções do drama e secularização da cultura", *Quaderni Portoghesi*, pp. 19–32.
- SERÔDIO, Maria Helena (1996), "Introdução", in *William Shakespeare. A sedução dos sentidos*, Lisboa, Edições Cosmos.
- SERÔDIO, Maria Helena (2001), "Across the stages: when theatre studies confronts literary and cultural matters", XXII Encontro da APEAA – Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, *What Now? Notes towards the Definition of Culture, Identity and Literature in the Twenty-first Century*, Faro, Universidade do Algarve, 22–24 de Março de 2001.
- SERÔDIO, Maria Helena (2015), "King Lear: entre a mundividência maneirista e o sentido da utopia", in Luísa Maria Flora, Carla Larouco Gomes e Adelaide Meira Serras (coord.), *Fernando Mello Moser: um tributo*, Lisboa, FLUL e BonD, pp. 147–160.
- SERÔDIO, Maria Helena (2016), "Shakespeare na cena portuguesa: revisitar algumas interpelações criativas", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3 de Agosto, pp. 6–8.



SINAIS DE CENA
SÉRIE III NÚMERO 5
JUNHO DE 2026